

# A SEMANA

JORNAL LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

Vol. I.

DOMINGO 30 DE MARÇO DE 1856.

N. 17.

## PARTE LITTERARIA.

### O JORNALISMO LITTERARIO.

II.

Como a hydra de Hercules assim tem sido o jornalismo litterario entre nós : por uma cabeça que a indiferença publica lhe corta reaparecem outras muitas : elle podia parodiar a heroica expressão dos bravos de Arcole « o jornalismo litterario nem morre nem se entrega. »

Se o jornalismo litterario contasse a sua história e a escrevesse seria isso a maior affronta que se faria á sociedade actual, porque a sua indiferença, para com esta expressão viva da literatura, tem chegado ao grão de grosseira e estupida barbaridade.

O jornalismo tem expressado e manifestado em toda a sua plenitude a indole da actualidade. A interinidade é a feição caracteristica da nossa sociedade : ainda não se trabalha pa' a o dia d'amanhã : parece que ainda predomina a sociedade da colonia, que habitava o Brasil, como o viajante a sua barraca de panno, como se habita a estalagem da estrada. Toda a idéa gera-se e grande morre, ou pelo menos desviam-a com a indiferença, se é que não a perseguem com o rediculo : porque a indiferença e o rediculo são dois cancros, que corroem a nossa sociedade.

É em virtude d'este estado de enterinidade que o jornalismo diario, e commercial tem voga entre nós. No jornalismo commercial busca a sociedade satisfaçao a necessidade do momento : lhe, lisongêa o seu egoismo ephemero, atira a folha e esquece-a ; em quanto que o jornalismo litterario é um missionario do futuro, não é o sanqueiro de folhas ephemeras, é o confeccionador d'un livro, é o chronicista de uma epocha, que vai legar o seu trabalho ás gerações futuras : trabalha pelos interesses de gerações que nada lhe poderão fazer, enquanto que o jornalismo commercial agencia em proveito individual : aquelle é o agricultor que semea, este é o alquilador, é o empresario do circo que exige a paga antes de começar o espectaculo,

Não seria possivel sahir d'este estado, creando-se, diffinindo e illustrando o jornalismo litterario ?

Não seria possivel harmonisar os interesses do jornalismo commercial, ou politico com os interesses do jornalismo litterario ?

Cremos que sim.

Como já fizemos ver o jornalismo litterario é uma influencia legitima, que deve actuar nos destinos da sociedade ; e urge alimentar este fogo sagrado, graduando-o por maneira a ser elle luz vivificadora, e não incendio que devore.

Rehabilitado, consolidado, exercendo influencia pelas suas doutrinas, e estas espalhadas pela circulação, o jornalismo litterario pode garantir ás legitimas ambições um auxiliar, se não uma influencia imponente : para chegar a este desideratum urgia que os homens de letras ou os que como tales correm no povo, se esforçassem para reabilitar e diffini-lo.

Mas... não se espere d'ahi o auxilio. Esses homens estão scepticos pelas decepções : combatentes feridos e invalidos não acreditam mais na victoria, no triumpho d'essa causa porque combateram ; ou absorvidos pelo espirito egoistico da epocha sacrificam o seu talento ao Baal do jornalismo commercial, estirando em linhas as concepções de seus genios, e alquilando-as a tanto por uma medida convencionada !

O remedio tem de esperar-se da mocidade, que ainda possa acreditar na reabilitação, na influencia legitima do homem oficial pelo merito e pela gloria litteraria. Muitos d'esses já estão eivados do scepticismo e do egoismo, muitos já encolhem os hombros a causas que fazem arrpiar as carnes, e indignar o coração ; mas a esse deluvio, que transborda pela sociedade, alguns hão de escapar, e esses serão os predispostos.

Para esta lucta a *Semana* é um circo, que oferecemos ás idéas e pensamentos generosos e ás aspirações dos corações que acreditam no futuro ; ou essas idéias e pensamentos se abriguem n'uma cabeça encanecida, ou essas aspirações tumultuem em peitos juvenis.

O desanimo é a morte das grandes empresas ; e o triumpho da mediocridade.

Estas opiniões a respeito do jornalismo litterario, que começamos a manifestar no N. 5 d'esta folha, e que havíamos suspendido, vieram agora precipitar-se á vista de um artigo do *Diario do Rio de Janeiro* N. 84, *Os jornaes e o trabalho nos Domingos*.

A classe dos officiaes de typographia tem por mais de uma vez manifestado a vontade de res-

gatar o dia de domingo para o descanso, a que tem direito o homem, direito que lhe foi outorgado por Deos. Já em certa ocasião esteve a fazer um pronunciamento, que foi neutralizado pelo *Jornal do Commercio* com seu poder de autocracia jornalistico, e com essa clava poderosa e magica que só elle pôde manejá-la com vantagem.

Há tempos houve o pensamento de uma associação jornalistica, a que todos bateram palmas; mas cuja solução ficou para as Kalendas gregas, como fica quasi tudo que é dar um passo arrojado na estrada do progresso. O sobre-senso do *Jornal*, a sua insinuação ou a sua imposição, *a quem devia e podia tomar a iniciativa d'essa idéa*, fez abrotal-a, e a classe dos jornalistas está ainda por organizar, e sem garantias nem vantagens, subjetos á imposição ou de um homem, que aluga o seu trabalho tão sagrado; mas tão estéril para o jornaleiro, tão productivo para o senhor feudal.

O collega do *Diario* exprime-se assim:

« Existem n'esta corte trez folhas diarias, que podiam convencionar-se, e marcar uma tabella dos dias de ferias e descanso para o jornalismo. Formulada esta tabella cada uma das trez folhas, revesando-se segundo a ordem que se marcasse seria obrigada a suprir a falta das outras em cada um d'esses dias, de maneira que o publico tivesse sempre um jornal para ler pela manhã. »

O alvitre do collega é uma utopia, é uma medida irrealisavel.

Demonstremo-lo.

Um acordo amigavel e fraternal entre essas trez folhas é um impossivel: são trez empresas commerciaes com suas ambições, com uma concorrencia immediata; e por isso mesmo buscando cada uma tirar partido das menos boas circunstancias das outras, tendo ciúme de tudo, susceptibilidades de tudo, e ás vezes com pouca generosidade atorpellando-se em cousas pequeninas.

Se essas trez empresas fossem formadas de trez grupos de homens politicos ou litteratos, que sustentassem o posto do jornalismo para a conquista de posições officiaes, ainda se poderia esperar algum acordo, mas são trez empresas puramente commerciaes e industriaes, com escriptores assalariados, sem vinculos de dedicação pessoal, afóra as relações do Sr. Dr. Octaviano com o *Correio Mercantil*.

Ainda não pôde ser aceitável o alvitre do *Diario* porque a haver necessidade de dar ao publico uma folha no domingo não é possivel satisfazer esta necessidade pelo modo que indica o collega.

O *Jornal*, por calculo aproximado, distribue de quatro a cinco mil folhas, o *Correio Mercantil* de duas a trez mil, e o *Diario* mil pouco mais

ou menos. Urgiria pois que cada uma das folhas tivesse igual numero de assiguantes e que os assignantes fossem os mesmos.

Lembra-nos um outro alvitre, que oferecemos á consideração dos collegas para que o discutam e o approvem, modifiquem ou regeitem segundo melhor intenderem.

As folhas nos domingos é enovação, luxo e pleonasimo de recente data. Não ha pois inconveniente em que as folhas supprimam o seu numero de domingo. Se alguma das folhas não accorde n'esta deliberação: embora: siga seu destino, pois nem por isso obterá mais concorrentes, que lhe satisfaçam a despeza, nem as outras perderão por isto assignantes, que iquivala á verba que teriam de gastar.

Désse uma folha o exemplo; e as outras pelas exigencias ou reclamações dos officiaes e mais pessoal viriam a adoptar a enovação, e seguir o passo dado.

D'esta sorte o jornalismo litterario teria a sua monsâo: teria o seu dia de apparecer, o dia em que seria elle uma necessidade.

As quatro folhas diarias poderiam brindar aos domingos os seus leitores com uma folha litteraria, composta nas horas de sexta da semana, e distribuida aos domingos. No fim do anno a litteratura ganhava quatro encyclopedias litterarias, quatro volumes de variados artigos.

Exprimindo esta idéa parece-nos haver conciliado os interesses do jornalismo commercial e do jornalismo litterario.

Os excellentes artigos que se enterram no jornalismo ephemero salvar-se-hão n'un livre, que sempre estará á mão, e sobre as jardineiras de nossos salões. Os talentos terão um theatro mais digno de seus esforços, os litteratos um lugar mais conveniente para a manifestação de seus pensamentos.

Uma discussão, uma modificação, uma votação qualquer, em summa, a esta nossa opinião, pôde ser de algum proveito para o publico.

## PARTE JURIDICA.

### PRESTAÇÃO DE JURAMENTO.

Os juizes municipaes, e seus supplentes, quando reconduzidos são obrigados a repetir o juramento, prestado quando foram nomeados?

Entendo que não: por quanto não ha lei que obrigue a repetil-o, já porque a recondução é apenas a continuaçao do mesmo emprego e de suas respectivas funções, e não de certo o synonimo de

uma primeira e nova nomeação, ou o começo do exercício ou serventia.

Nas decisões do Governo Imperial ha uma que se não frisa o ponto em questão, pelo menos offerece um argumento de certa analogia, e que creio bem inductivo de que com esseito entre a nomeação e a recondução ha a diferença apontada, não se devendo exigir para a segunda tudo quanto a certos respeitos é indispensável para a primeira. Refiro-me á portaria ou aviso n.º 150, de 9 de outubro de 1847, em que se acha determinado, que os juizes municipaes, reconduzidos nos mesmos lugares, não são obrigados a novo pagamento do imposto estabelecido na lei de 30 de novembro.

Parece-me que a razão d'esta disposição não é senão a já expressada, de que a recondução não é uma nova nomeação, e sim apenas uma continuação de funcções já preexistentes, já exercidas; alias outra seria a disposição no caso figurado na citada portaria ou aviso.

Advogados de grande nota opinam n'este sentido, mas esta questão por sua natureza grave, e por falta de uma solução ou definida fixação de princípios por parte do Governo Imperial pôde talvez dar azo a encontradas opiniões, do que resulte um mal de graves complicações. Acaba pois de ser apresentada esta thesis ao Exm. Snr. ministro da justiça, o qual pelos seus abalizados conhecimentos jurídicos, do que tem dado exuberantes provas, solverá esta questão ficando por norma jurídica a sua sabia deliberação.

C. H. DE F.

## PARTE NOTICIOSA.

### CORRESPONDENCIA DE PARIZ.

#### CARTA IV.

AMICO REDACTOR. — Dia era de te pagar o meu tributo; bem o sei; ah! vai partir o paquete inglez. Mas quem pensa hoje em pagar dívidas? Essa exactidão é fossil, ante-diluviana, mórmonto quando o devedor, embora habite uma terra onde floresce uma endiabrada santa, chamada *Pelagia*, fica n'uma latitude de 70 gráus de distancia do seu credor, habitante de outra terra bemaventurada, onde um cidadão pôde endividar-se de pés e mãos, e, se for habil, fazer figas ao tal cujo a quem deve.

Portanto está dito, faço-te hoje synalepha e banca-rota. E' para mim esta a mais galhofeira quadra

do anno. Domingo de entrudo! Salve! Que exercícios de recordações me não tumultuam na mente! Que dourados dias de entusiastica loucura e juventude me não pintam presentes! Bosé! Que se o carnaval parisiense fosse o meu querido entrudo nacional, o pé, pesando-me uma onça, me não houvera deixado aqui parar, amarrado a esta carteira.

Que bons tempos aquellos, meu amigo! Era uma velhice sempre jovem; uma tradição sempre actual; uma razão sempre louca; uma loucura sempre arrazoada; um tacito armistício de todas as dôres e de todos os trabalhos; uma lição prática de igualdade humanitaria; fremente periodo em que as 60 pulsacões revelavam typho, e a febre saude; e em que sobretudo as mascaras deixavam ver o homem muito mais a nú do que sem mascara.

Quero dizer-te hoje, meu amigo, o mesmo que n'outros tempos, talvez mais desenvoltos, menos philosophicos e dignos, menos matizados de chanternidade e pouca vergonha, mas incontestavelmente mais divertidos.

E porque não daremos treguas, em taes dias, ás muito importantes, muito serias e muito bestificadoras questões do mundo de Heraclito? Que querem os teus leitores? Guerras de Oriente, protocolos, congressos, exposições, equilibrios da Europa, maromas da America, circulos, incompatibilidades, organizações sociaes, progresso, civilisação, e outros *puffs* mais ou menos bombasticos, com que se entretem as crianças barbadadas? Pois dize-lhes que vão a sua casa; ou consultem os seus livrinhos; ou dirijam-se a quem esteja de humor pedagogico, com que atravesse inalteravel o kalendario completo desde anno bom até S. Silvestre.

Ora pois, alegria em toda a linha! Toquem n'esses ossos, republicanos, henriquinistas, fourieristas, napoleonistas, russos, aliados, portuguezes, brasileiros, fidalgos e plebeus! E deixem-me tambem a mim dizer quanto eu quizer: *égalité, fraternité, ou la mort*. (Tambem é um trilemma, aqui d'esta terra que me não viu nascer, e que tem seu dente de coelho para traduzir em senso commum; eu, se me dessem a escolha, optava pelo primeiro.)

Ahi vem chegando hoje, todo risonho e festivo, alegre e zombeteiro, trapaceiro e girigote, com as suas grinaldas de flores, o seu diadema de guisos, e o seu sceptro de canna, o velho eternamente moço! Não havia de eu ser tão incivil que o acolhesse carancudo; e o sujeitinho está, desde a mais remota antiguidade, de posse de ser festejado como um hospede amavel e folgasão; e contra este seu direito

não ha allegar, como a usuraria da Fazenda Publica, a sua prescripção de 5 annos; ainda hoje é quasi a mesma historia de ha 40 seculos! Isto é, que é constancia nas modas. O meu pristino entrudo é uma *verdade*, mais do que á *Carta de Luiz-Felippe*; é um axioma universal; é um collega... eu sei cá de quem? do diluvio; ou da invençao dos narizes; ou do nascimento de uma minha tia-avó, que esteve a debicar comigo quando me instituiu herdeiro, e que é capaz de herdar dos meus bisnetos (ainda não casei), porque as gerações sobre gerações quebram-se n'aquelle phantasma sempre vivo, como ondas de Oceano turgido, serpenteando e envolvendo a torre do Bugio, e morrendo-lhe aos pés... Ai pobre tia Domicilia, que te comparei com a torre do Bugio; pois vinga-te e manda-me bugiar.

Mas, em quanto me embalo n'estas nuvens de aliloquia, quero despejar (aqui o termo mancou) erudições que vem muito a propósito. Sim, meus Srs.; já do Egypto vieram as bacchanaes á Grecia, e os illustres predecessores dos Colletti e Maurocordatos faziam por esta occasião toda a especie de disparate, deitando-vos ainda a barra adiante, em que vos pêz. Vinha á praça o tonel de vinho, cercado de pampanos e cachos, e um bode arrastrado pelas pontas (isto hoje havia de ser mais difficult, porque tanto os bodes como as pontas tornaram-se raros;) as ministras do Baccho, appetitosas moçoilas de lavar e durar, vinham, com varas enramadas de parras, saltando e gritando pelas ruas, como em noite de bernarda (eu não sei bem se esta senhora ali é conhecida pelo nome); outras cobertas de pelles, no meio de instrumentos; e os sacerdotes da bonachira montados em jumentos ou disfarçados em satyros... Depois inda a cousa se fez mais fina; mas sobre esse *óspoi* (como diz um conselheiro do meu conhecimento) calô eu o bico.

O caso é que em Portugal penetrou nas veias dos nossos costumes (ih que asneira! deixe passar) esse periodo de folia, a que n'alguns pontos da vizinha Castella chamavam *antruydo*, quasi *introito*, talvez por ser este triduo introito para os negregados dias da quaresma, em que temos de amargal-o, se satisfizermos á risca os deveres da penitencia. E porque eu entendo cumpril-os, e porque o carnaval de Pariz não me diverte como o meu velho amigo, é que prefiro repotrear-me assim comtigo n'estas inefaveis recordações, e vitoriar nove vezes nove o *sanctus introitus, tempus quebrare panellas!*

O que elle foi até os nossos dias, não t'o contarei

eu, meu amigo, mas pedirei venia, para que, n'um seu bom soneto, t'o conte o nosso *Antonio Serrão de Castro*; e realmente quando eu leio, com mirifica beatitude, os arrojos poeticos que a miudo estampam os grandes jornaes d'essa corte, fio que este não será mal recebido, por não ter menos chorume:

Filhós; fatias; sonhos; mal assadas,  
Gallinhas; porco; vacca, e mais carneiro;  
Os perús em poder do pastelleiro;  
Esguichar; deitar pulhas; laranjadas;

Enfarinhar; pôr rabos; dar risadas;  
Gastar para comer muito dinheiro;  
Não ter mãos a medir o taberneiro;  
Com restea de cebolas dar pancadas;

Das janellas com tanho dar na gente;  
A busina a tanger; quebrar panellas;  
Querer em um só dia comer tudo;

Não perdoar arroz, nem cuscus quente;  
Despejar pratos e alimpar tigellas...  
Estas as festas são do gordo ENTRUDO.

Quem o viu e quem o vê, segundo me contam, em Portugal e no Brasil? *quantum mutatus ab illo?* Quem dirá ser est'outro o dynasta de tão poderosa e augusta raça? E eu, mozarabe de nova especie, christão entre estes mouros, tenho saudades d'aquillo. Por decreto de *D. Civilisação* (esta rainha sempre se enthronisou n'uma tal extensão de dominios!) foi demittido o *patrio entrudo*, e ensileirado no seu nicho do Pantheon historico e tradicional, na linha onde figuram—os lombos do Natal,—as noites de S. João,—os bodos de Odivellas,—os explendores do Corpus Christi,—os outeiros dos abbadessados,—as burricadas de Cassilhas,—as patuscadas das hortas,—os desafios poeticos dos serões de aldeia,—o bastão do capitão mór,—os presepes e romarias dos Reis,—as fogueiras de Santo Antonio,—o descanço dos dias santos de guarda,—e uma myriade de outros iguaes attentados contra a tal *D. Civilisação*, e bem assim contra o progresso, o direito do homem, o melhoramento material... e sobretudo o fomento; sim Snr... e o fomento.

Conseguintemente os esguichos e as pulhas, os limões de cheiro e as farinhas, as restea e as businas, tudo é chronica velha. Uns senhores representantes das *grandes idéas humanitarias* fizeram com o pobre entrudo velho o percuciente papel d'aquellas antigas *despenadoras*, que, por humanidade, davam cabo dos moribundos, cravando-lhes os cotovellos no peito. Mas que ganhou o mosino entrudo em se fazer gaiteiro e revolucionario? em

trocar a sua grinalda e os seus velhos guisos por um vestuário frances, italiano, poliglotto? Pobre tolo, que sez como o cão da fabula: perdeu ambos os bocados. Burro velho não aprende lingua; podeis comprar ricos vestuários para os vossos tristonhos bailes, mas os belchiores não alugam nem uma móndada de espirito. Cada terra com seu uso, cada roca etc. etc. Rousseau, e mais era Rousseau, vestido de Armenio, cá pelos occidentes, fazia rir; o vestuário do Djalma chamava a atenção de uma platéa em peso; o principe' preto que ha annos palmilhava Lisboa, pendurado a um habito de Christo, era objecto de sarcasmos. Tudo isso é muito bonito, mas *non erat his locus*: o armenio na Armenia, Djalma em Java, o principe no Congo.

Pois se isto até é com as instituições, quanto mais com os entrudos! vê tu como o jury funciona bem na Inglaterra, e que pouca vergonha em toda a outra parte!... Abrenuntio, que ia jogando o entrudo com a alta politica... E d'ahi dou-te a minha palavra de honra, que podia provar-te como 2 e 2 são 4, que um governo representativo não é outra cousa senão um entrudo em permanencia. Podia n'uma obra monumental, que arrumasse comigo aos postreiros consins da immortalidade, demonstrar as paridades entre os 3 dias gordos e o sistema que felizmente nos rege, em toda a parte onde nos rege. Tenho-a gisada, e eis-ahi os seus grandes marcos millarios

*Cap. 1.º* — Das diversas mascaras; distribuição das partes, capítulo muito variado, divertido e philosophico. Só este capítulo me dava 3 volumes in-folio.

*Cap. 2.º* — *Na politica*; os partidos. *No entrudo*; filhозes, fatias de parida, cuscus e restea de cebolas.

*Cap. 3.º* — *Na politica*; os parlamentos. *No entrudo*; as businas a tanger; despejar pratos e alimpar tigellas.

Este capítulo é larreado de paragraphos, em que se demonstra como *maiorias* correspondem a *sonhos*; *orçamento* rege-se pelo verso *gastar para comer muito dinheiro*, e os taes rabo-levas do orçamento, com disposições permanentes enxertadas em leis annuas, pelo outro *querer em um só dia comer tudo*; —quando se dá *voto de confiança* põe-se o *perú em poder do pastelleiro* etc. etc.

*Cap. 4.º* — *Na politica*: eleições. *No entrudo* laranjadas, seringadas e esguichos de todas as qualidades.

*Cap. 5.º* — *Na politica*: responsabilidade dos agentes do poder. *No entrudo* corresponde a um cão a arrastar uma frigideira pelas ruas; muito motim, campo obra; muita parra, pouca uva.

*Cap. 6.º* — *Napolitica*: a imprensa. *No entrudo* consiste o seu simil e nas enfarinhadellas, nos rabos, nas luvas enferrujadas, e outras sujadeellas que facilmente se lavam.

*Cap. 7.º* — *Na politica*: o jogo dos altos poderes. *No entrudo* aquelle jogo de cabra-cega corresponde á intriga do mascarado, e á pulha palaciana ou arrieiral.

*Cap. 8.º* — *Na politica*: o Thesouro. *No entrudo*.... Ai, isto não, que é inviolavel e sagrado, sancto, augusto, sacro, sacrosancto, soberano, um e indivisivel, centralizador de todas as crenças, de todas as aspirações, de todos os pensamentos, poder dos poderes, fiel da balança social, *quos ego* dos Eolos politicos. Com isto não se brinca.

Não sei que demonio de efeito de tristeza produz em mim a palavra Thesouro, que apenas a ouço proferir, fico logo serio e panturrão como um presidente de Província recebendo as ovações dos seus administrados. Basta porém o que te expuz, e se o dedo é sufficiente para conhecimento do gigante, confessa que não ha Golias comparável à minha obra.

Como porém não devo findar a minha correspondencia, sem dar-te alguma notícia curiosa, para não ficares com boca de sapateiro, lá vai uma maravilhosa.

Sem duvida haverá já abi conhecimento dos pormenores assombrosos, delatores da possançā do reino de Sião, narrados ao e pelo celebre *abbade de S. Martinho*, e que excedem tudo quanto da China e Japão nos conta *Ferrão Mendes Pinto*. Seria longo reproduzil-os, mas para que os teus leitores apreciem a oriental magnificencia d'essas milagrosas regiões, eis-aqui amostras:

N'aquelle progressivo paiz, tem-se industriado umas enormes aves indigenas, nas quaes se monta como em hippocryphos, e todas as viagens se fazem pelo ar, com 3 vezes mais rapidez que em nossas preguiçosas vias ferreas; chamam-lhes viagens pensis.

No reino de Sião encontram-se os pygmées da fabula, que falam um portuguez tão puro e harmonioso como no Algarve; quasi todos os deputados das camaras, lá d'elles, são d'aquelle raça e sumamente espertos. O grande Imperador monta n'un elephante cor de rosa.

Os fidalgos da corte timbram em fazer puxar os carros, da forma de concha sem rodas, por liões, tigres, e rhinocerontes, com uns macaquinhas muito bem ensinados servindo de bolieiros.

Tem o rei um palacio de crystál, com as paredes

feitas de vidros ligados com uma tal massa, que a agua não pôde penetrar; alli é que o rei dá os seus jantares de ceremonial no tempo de calor; quando toda a corte entra, fecha-se a porta com o talcimento, para a agua não entranhar-se, abrem-se as adusas e comportas, e n'um instante se enche um grande lago ambiente, ficando toda a sala submersa, excepto um zimborio para a respiração, o que produz uma frescura deliciosissima, á hora em que o incandescente ardor do sol faz ferver, á superficie da terra, as fontes mais frias.

Pesca-se n'aquellas terras por meio de crocodilos domesticados, que são ensinados a lançar-se á caça do peixe, vindo depois pôr na mão de seus donos cada tubarão que mette medo, e até serpentes do mar, no genero das que os americanos tem descripto.

D'estes crocodilos ha sempre grande numero da casa real, que vivem n'um espaço, meio terra meio agua, chamado a *imperial crocodilia*, como quem para cavallos dissesse *cavallaria*. São ferrados na cabeça com um sello em brasa, representando as armas do reino de Sião. Seis d'elles, elegantemente capaçionados com gualdras cravejadas de preciosidades, emparelham-se, a 3 e 3, á proa da galera real, e apenas o pervigil piloto lhes dá uma chicotada, alipedes fendem a amplidão das glaucas aguas, arrastando o pangaio com o impeto do corisco.

Ai! que ainda agora dou pela cousa! esta carta só te chegará ás mãos por altura da quaresma; em guisa de caldo requerido, ou de cavalo morto a quem se dê cevada. Não importa; como este anno a passchoacahe muito cedo, não tens mais que publicala no 1.<sup>º</sup> de Abril; matas com um cajado 2 coelhos, e absolves do peccado de desobediencia ao teu

Velho amigo.

D. JOSÉ DA PAMPULHA.

PARIS, 3 de Fevereiro de 1856.

## A SEMANA.

### CANDIDATURA JUSTIFICADA.

Entre os candidatos á assembléa provincial ha um que se apresenta ao corpo eleitoral com titulos muito recommendaveis: é o Snr. Pedro Pereira de Andrade, moço de uma instrucção distincta, e com um curso na eschola central das artes e manufacturas, na eschola polytechnica, e na de pontes e calçadas de Pariz.

Em mui curtas, mas significativas palavras o Snr. Pereira de Andrade exhibe os seus legitimos titulos.

« Escrevi em 1854 um *Tratado sobre a fabricação do açucar*, que offereci a um cavalheiro que mostrou sempre a maior dedicação pelos interesses da nossa província, o Exm. Snr. conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz, actual ministro do imperio, que me honrou mandando-o imprimir a expensas do Estado; além disso montei na capital da província uma *fábrica de refinação de açucar, distillação de aguardente, e fábrico de carroço animado*, com os apparelhos mais modernos, empregados na Europa, que SS. MM. honraram, visitando-o em setembro p. p.; e mereci finalmente da ultima assembléa legislativa provincial o favor de um emprestimo para melhorar o fábrico do açucar, que importa não pequeno louvor dos representantes da província aos melhoramentos, que viram realizados no meu estabelecimento.

Pretendo ainda em tempo opportuno estabelecer apparelhos para a melhor preparação do nosso café, e indicar os aperfeiçoamentos mais apropriados nas nossas circumstancias actuaes para essa cultura, sem negligenciar o que ainda de mais possa indicar para a do açucar.

Com estes titulos julgo-me habilitado a sollicitar do corpo eleitoral da província o seu voto para a honra de representá-la, e ir reclamar da tribuna os melhoramentos de que carecemos. »

Transcrevendo estas poucas linhas, e recommending-as a nossos leitores é nosso sim recommendar não só ao corpo eleitoral, mas ao publico em geral os serviços publicos de um cavalheiro, que em tão curta idade se tem tornado um cidadão prestativo e benemerito.

### LYTHOGRAPHIA BIOGRAPHICA.

Dos prelos lythographicos do Snr. F. de Paula Brito acaba de sahir o retrato do Exm. Snr. Dr. José Joaquim de Siqueira, uma das primeiras honras da nossa magistratura.

Esta lythographia foi uma delicada prova de subida estima com que no dia de São José alguns de seus amigos, que haviam entrado n'esta cordial *conspiração*, o foram surprehender.

O Snr. F. de Paula Brito explicou este facto da seguinte maneira:

— Exm. Snr.—Os serviços prestados por V. Ex. à desvalida orphandade, de que V. Ex. se tem constituido desvelado pai, além de integerrimo juiz, já

occupando-se d'ella individualmente, dando com o exemplo a norma da virtude, já garantindo suas fortunas com a prompta e fiel arrecadação de seus bens, elevando grandemente a cifra das sommas accumuladas nos respectivos cofres no espaço de cinco annos, são factos, Exm. Snr., que tornam mais que muito recommendaveis o saber, e as distinctas qualidades que ornam a V. Ex., e foi por isso que alguns Brasileiros, que mui de perto a V. Ex. conhecem, buscaram perpetuar o nome de tão recto magistrado, na significativa offrenda que hoje á V. Ex. se honram de apresentar dez d'aquelles que, como immensos outros, bemdizem e bemdirão sempre o camarista José Joaquim de Siqueira, e a acertada escolha que d'ello fez S. M. o Imperador para juiz de orphãos do municipio da corte, assim de que, onde chegar a narração dos actos de sua imparcial justiça, cheguem tambem, para que sejam devilamente notados e apreciados, os traços caracteristicos de sua expressiva physionomia. --

O Snr. Dr. Siqueira ficou profundamente sensibilizado com esta prova do cordeal affecto, que lhe tributaram; e agradeceu com a urbanidade e maneiras cavalheirais que todos reconhecem no integrô e ilustrado magistrado.

A esta demonstração, preparada em segredo, se associaram moralmente os amigos e respeitadores de S. Ex., e a muitos ouvimos lamentar não terem sido convocados para a conspiração.

O retrato saiu com uma perfeita semelhança. Os contornos da cabeça são fieis, e esse ar prasanteiro, e revelando toda a magnanimidade de um nobre coração, estão ali fielmente retratados, graças ao delicado lapis do Snr. Sisson.

Esta demonstração de apreço ás excellentes qualidades pessoaes e de homem publico, que distinguem o Snr. Dr. José Joaquim de Siqueira, honram não só a elle, como aos dez cavalheiros que tomaram a iniciativa d'esta demonstração, a que se associaram centenares de amigos e respeitadores do magistrado, que, no seu brasão heraldico pôde cingir o mote: HONRA, SABER, E HONESTIDADE.

#### A CARIDADE.

Com este titulo recebemos um artigo da pena de um dos nossos redactores, fazendo justas e acertadas reflexões sobre a caridade bem entendida. Não o transcrevemos por se achárdiada a composição, mas seja-nos permitido acompanhar os votos do nosso respeitável collega no tributo de merecida consideração, que consagra aos Snrs. Dr.

Marcos Christino Fioravante Patrulhano, e honrado negociante José Joaquim Teixeira. A caridade, tão evangelicamente exercida por estes douz cavalheiros torna-os dignos da consideração publica e do profundo reconhecimento das pessoas a quem elles comularam de benefícios, tão generosa e delicadamente distribuidos, porque não foram assoalhados: esforçaram-se para que a mão esquerda, segundo a bella phrase do evangelho, não soubesse da esmola dada pela direita.

## VARIÉDADES.

### THEATRO LYRICO.

O anniversario do juramento da constituição do Imperio, foi celebrado no theatro lyrico com o Attyla, de Verdi.

O theatro regorgitava de espectadores; os brilhantes, o ouro, as sedas e as flores brilhavam de todos os lados. Mais de uns olhos vivos, ou ternos, invejavam o *toilette* de uma, ou os custosos brilhantes de outra. Eassim devia ser; a ambição, é uma d'aque-las paixões innatas do genero humano, e sobretudo na mulher, ella atinge o mais subido grão: vamos ao expectaculo.

Tivemos de sofrer uma decepção: os mais bellos pedaços da opera foram suprimidos: Mlle. La Grua, que dizem ter já no ensaio sofrido uma indisposição, achava-se incomodada, e pediu dispensa de cantar a cavatina, e a romanza da opera; entretanto apresentou-se vestida com gosto, e a caracter, e apesar de incomodada, cantou como costuma cantar.

Sempre que examinamos as decorações do nosso theatro lyrico, lebramo-nos de um trecho da critica de Nicolau Tolentino, farça de Manoel Mendes.

*Isto é moer a paciencia, impingir a inverosimilhança, quebrantar todas as regras da arte!*

Que haja n'esta Corte um habil pintor scenogra-pho, que já nos deu exuberantes provas do seu talento, e que seja posto de parte, para se impingir ao publico decorações, que são, como lá dizem *pão para toda obra*, são d'aquellas coisas, que não podemos comprehendêr. Se possuissemos o satyrico pincel de Gavarni, fariamos a caricatura das decorações do Attyla, com especialidade da tal vista do romper da Aurora, e do acampamento dos Horacios, que é a mesma do Attyla! . . .

Ainda não tínhamos exhibido a nossa opinião, a respeito do Sr. Susini, porque queríamos ouvi-lo mais algumas vezes; o que porém não padece dúvida alguma, é que quem ouvir o Sr. Susini, em Ernani, desconhece-o no Attyla; sempre o mesmo accionado, e as mesmas posições, revelam o pouco conhecimento que o Sr. Susini tem de mimica.

O Sr. Walter cantou com gosto, reconhece-se facilmente, que é um cantor de merecimento, mas que está cansado.

Os córos estiveram pessimos, principalmente, os das mulheres.

Aguardamos outra occasião, para melhor podermos emitir nossa opinião, pois que a representação do dia 23, não passou de um ensaio geral.

## Z.

### **Phenomeno atmospherico.**

O tenente da armada Alix, commandante do cutter de guerra *Mirmidon*, observou um phenomeno notavel de metercologia, no porto de Carteret, junto ás margens do Mancha.

Pelas onze horas e quarenta e sete minutos do dia 26 de Dezembro ultimo, uma violenta detonação electrica fez subitamente mudar o barometro de 749, a 743 millimetros; nesse momento um espesso nevoeiro na direcção de oeste, veio espalhar em Carteret uma quantidade extraordinaria de pedras de neve, de grossura nunca vista: estas pedras eram ordinariamente de forma oval, as menores pesavam 60 grammas, sendo seu maior diametro 33 millimetros, e o menor 21. Uma d'ellas, de forma irregular foi achada, pesando 120 grammas, tendo 66 millimetros, no seu maior comprimento, e 42 na sua maior largura.

### **Vermes microscopicos.**

O microscopio tem descoberto maravilhas inesperadas, e não é sem admiração que reconhecemos que por toda a parte existem myriades de seres organisados, que aparecem aos nossos olhos debaixo das mais bizarras fórmas.

Pullulam nos nossos alimentos, e nos nossos diversos orgãos nutrindo a putrefacção.

A agua que bebemos apresenta muitas vezes uma innumerável multidão, e é muito de suppôr que o ar esteja no mesmo caso. Os facultativos de todas as épocas tem attribuido muitas enfermidades epidémicas ou endémicas a uma especie de infecção

aerea, que provém de agentes particulares, aos quaes dão o nome de miasmas. Não serão estes talvez os diversos seres organisados, vegetaes ou miasmas, que todos atestam dever existir no ar, na mesma abundancia que se encontra nas aguas?

Os physicos e os chymicos tem-se ocupado amplamente do estado do fluido respiravel, no seio do qual vivemos, mas as suas investigações não tem até hoje comprehendido mais do que a sua constituição mecanica, ou a sua analyse. Os seus trabalhos muito numerosos deixam uma lacuna a preencher: é submeter o ar ao exame do microscopio, para estudar a populaçao animada. Foi isto que ultimamente fez M. Baudrimont de Bordeos, em uma nota dirigida á academia das sciencias de Paris.

Segundo este observador, deve existir uma multidão de vermes microscopicos, ou pequenas sementes vegetaes no ar atmospherico. Effectivamente a analyse da agua da chuva, emprehendida por Mr. M. Bineau e Barral, demonstrou a existencia de productos azotados. Além d'isso o Dr. Moscati, condensando o ar dos arrozaes mortíferos de Toscana e das salas dos hospitaes, obteve agua que rapidamente se corrompia. Thenard e Dupuytren tem extrahido do ar dos amphitheatros uma substancia facil de apoderer. Em sim M. Bousaingault e Rivero, tendo notado que o acido sulphurico concentrado enegrecia ao contacto da atmosphera, atribuiram esta particularidade á existencia de certos vermes, mas ainda ninguem os pôde descobrir.

Mr. Baudrimont chegou ultimamente a este fim, com o auxilio de um processo muito simples, que consiste em fazer passar, por meio de uma bomba, uma grande quantidade de ar atravez de um pequeno volume d'agua. Os seres organisados, se existem no ar, são muitas vezes suspensidos pelo liquido em quanto dura a agitação que a corrente lhe faz sofrer.

As observações do sabio de Bordeos são ainda pouco numerosas, segundo elle mesmo confessa; todavia, já descobrio algumas organisações no ar da bacia de Gironda, e já pôde desenhar alguns na camara clara, cuja figura enviou á academia das sciencias, em apoio da sua interessante noticia.

Eis pois o ar povoado, não de sylphides, mas de seres animados, accessíveis aos nossos olhos, e de que o lapis já tem produzido as fórmas.